

AFETIVIDADE
as marcas
do professor
inesquecível

SÉRGIO ANTÔNIO DA SILVA LEITE
(ORGANIZADOR)

AFETIVIDADE
as marcas
do professor
inesquecível



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Afetividade : as marcas do professor inesquecível / Sérgio Antônio da Silva Leite (organizador). – Campinas, SP : Mercado de Letras, 2018.

Vários autores.

Bibliografia.

ISBN 978-85-7591-528-8

1. Afeto (Psicologia) 2. Educação afetiva 3. Prática de ensino 4. Professor – Aluno 5. Psicologia educacional 6. Sala de aula I. Leite, Sérgio Antônio da Silva.

18-18765

CDD-370.153

Índices para catálogo sistemático:

1. Afetividade e práticas pedagógicas : Psicologia educacional 370.153

capa e gerência editorial: Vande Rotta Gomide
preparação dos originais: Editora Mercado de Letras
copidesque: Daniela Gobbo Donadon Gazoli
revisão final dos autores
bibliotecária: Maria Alice Ferreira – CRB-8/9427

DIREITOS RESERVADOS PARA A LÍNGUA PORTUGUESA:

© MERCADO DE LETRAS®

VR GOMIDE ME

Rua João da Cruz e Souza, 53

Telefax: (19) 3241-7514 – CEP 13070-116

Campinas SP Brasil

www.mercado-de-letras.com.br

livros@mercado-de-letras.com.br

1ª edição

JULHO / 2018

IMPRESSÃO DIGITAL

IMPRESSO NO BRASIL

Esta obra está protegida pela Lei 9610/98.
É proibida sua reprodução parcial ou total
sem a autorização prévia do Editor. O infrator
estará sujeito às penalidades previstas na Lei.

SUMÁRIO

PREFÁCIO 9

Ângela Soligo

APRESENTAÇÃO 17

Sérgio Antônio da Silva Leite

Capítulo 1

BASES TEÓRICAS DO GRUPO DO AFETO 27

Sérgio Antônio da Silva Leite

Parte I – AFETIVIDADE: A MEDIAÇÃO BEM SUCEDIDA

Capítulo 2

MATEMÁTICA E AFETIVIDADE:

UMA EQUAÇÃO POSSÍVEL? 53

Valéria de Araújo Lima

Capítulo 3

OS IMPACTOS AFETIVOS DE UM

PROJETO DE CIÊNCIAS EM ALUNOS DO

ENSINO FUNDAMENTAL II. 83

Patrícia Fracetto

Capítulo 4
AFETIVIDADE E MEDIAÇÃO DO PROFESSOR:
A CONTRIBUIÇÃO DA MÚSICA PARA AS
PRÁTICAS DE LEITURA E ESCRITA109
Elvira Cristina Martins Tassoni,
Jade Oliveira Melo da Silva e
Vivian Annicchini Forner

Parte II – AFETIVIDADE NO ENSINO SUPERIOR

Capítulo 5
REFLEXÕES SOBRE O ENSINO DE CÁLCULO.137
Fabiana Aurora Colombo Garzella

Capítulo 6
IMPACTOS AFETIVOS DAS PRÁTICAS
PEDAGÓGICAS NO ENSINO SUPERIOR:
O OLHAR DOS ALUNOS175
Flávia Regina de Barros

Parte III – AFETIVIDADE: PRODUÇÃO DE TEXTO
E LEITURA

Capítulo 7
O PAPEL DA MEDIAÇÃO PEDAGÓGICA
NO PROCESSO DE CONSTITUIÇÃO DO
ALUNO COMO PRODUTOR DE TEXTOS.209
Adriano Caetano Rolindo

Capítulo 8
FORMAÇÃO DO LEITOR ESCOLAR:
MEDIAÇÃO E PRODUÇÃO DE INFERÊNCIAS.235
Ana Cláudia de Sousa Rodrigues

Parte IV – AFETIVIDADE E FORMAÇÃO DO LEITOR

Capítulo 9

AFETIVIDADE E O PROCESSO DE
CONSTITUIÇÃO DO LEITOR267

Sérgio Antônio da Silva Leite

Capítulo 10

A MEDIAÇÃO AFETIVA DA FAMÍLIA
E DA BIBLIOTECA NO PROCESSO DE
CONSTITUIÇÃO DO LEITOR287

Sue Ellen Lorenti Higa

Capítulo 11

FORMAÇÃO DE LEITORES: A MEDIAÇÃO
COM ESTUDANTES ADULTOS317

Daniela Gobbo Donadon Gazoli

Capítulo 12

JOVENS, UNIVERSITÁRIOS E LEITORES:
HISTÓRIAS DE MEDIAÇÃO AFETIVA
COM A LEITURA339

Isabela Ramalho Orlando

SOBRE OS AUTORES355

PREFÁCIO

*Ai, meu coração que não entende
O compasso do meu pensamento.
O pensamento se protege
E o coração se entrega inteiro e sem razão.*
Raimundo Fagner, *Conflito*, 1976.

Razão e afeto, temas, dicotomias, dilemas, têm sido ao longo da história cantados e contados em todas as artes, poeticamente representados.

Também campo da Filosofia e da ciência psicológica, essas duas dimensões do humano têm sido estudadas, problematizadas.

Desde os filósofos gregos da Antiguidade, razão e afeto foram apartados, sendo a razão considerada nossa característica humana superior, aquela que efetivamente nos caracterizaria como humanidade, em posição oposta e acima dos animais. As emoções e os afetos, por sua vez, seriam nossa porção primitiva, que deveria ser controlada, eliminada, para garantia de nossa condição humana. Platão [427a.C.-347a.C] dividia o mundo em dois planos – o mundo das ideias e o mundo sensível. Era o plano das ideias que nos conferia a condição de humanos.

Na filosofia teológica da Idade Média, era nossa racionalidade que nos aproximava de Deus e, portanto, nos conferia humanidade. Afetos deveriam ser evitados, expurgados. A partir de uma perspectiva de mundo masculina, calcada em relações que conferiam aos homens os lugares de poder, o pensamento dominante da época atribuía às mulheres o domínio dos afetos, justificando assim sua posição sempre subalterna aos homens, dotados da valorizada racionalidade.

O Filósofo René Descartes [1596-1650], no século XVII, propôs o reiteradamente mencionado axioma: “*Cogito, ergo sum*”,¹ consolidando a ideia da razão como condição de existência. Do mesmo modo, os iluministas franceses do século XVIII defendiam, com bons argumentos, a importância do pensamento racional, em oposição às crenças, como condição de emancipação e liberdade para todos. A razão traria a luz, contra as trevas das crenças religiosas e dos atos movidos pelos afetos.

No século XIX, o pensamento filosófico positivista, ao afirmar a prevalência do pensamento científico sobre as demais formas de compreensão de mundo, preconiza a objetividade e a neutralidade como condições de ciência, apagando a subjetividade e, com ela, os afetos, dos campos da ciência, da produção, da educação.

A Sociologia de Durkheim [1858-1917] falava de uma educação que fosse capaz de transformar a criança, um natural selvagem, em indivíduo socializado, apto para a vida em sociedade e adequado à ordem capitalista que se desenvolvia na Europa. É novamente a razão que se apresenta como critério para definir adaptação à ordem social, em oposição à primitividade dos afetos.

Também na perspectiva de Marx [1818-1883] encontraremos a prevalência da racionalidade, não mais vincula-

1. Penso, logo existo.

da a critérios de adaptabilidade social, mas como condição de superação da alienação imposta pelo sistema capitalista. A consciência não alienada é razão, fruto da compreensão profunda dos determinantes sociais e históricos que moldam a sociedade capitalista e o modo de viver e pensar dos homens.²

Na Psicologia, que se desenvolve a partir do pensamento filosófico e se apresenta como ciência a partir do século XIX, vamos observar o mesmo movimento, a mesma valorização da razão como condição humana primordial e indicadora de amadurecimento psicológico.

Assim, mesmo que a Psicologia tenha dedicado parte significativa de seus estudos à compreensão das emoções e dos afetos, é na razão que encontramos os valores ligados à ideia de desenvolvimento cognitivo e da personalidade.

Sem dúvida Freud [1856-1939] trouxe importante contribuição para a compreensão dos afetos, a partir de seu aporte da dinâmica do inconsciente e do desenvolvimento das estruturas psicológicas. Na perspectiva freudiana, a afetividade é fundante, atua de forma permanente, porém ela é fonte e objeto de recalques e sofrimento. Na tarefa psicanalítica, o recalcado, o reprimido, devem tornar-se acessíveis à consciência e a ela submetidos, serem transformados, ressignificados. Trata-se, portanto de, mesmo sem negá-los, submeter os afetos ao domínio da razão.

Piaget [1896-1980] e Vigotski [1896-1934] foram autores que, ao estudar os processos de desenvolvimento a partir de distintas matrizes filosóficas de pensamento, tocaram nas questões da afetividade, em sua imbricação com os processos de desenvolvimento cognitivo, mas são seus estudos para compreensão do pensamento, dos mecanismos

2. Para melhor aprofundamento dessa temática, sugiro a leitura de Sérgio Paulo Rouanet (1985). *A Razão Cativa*. São Paulo: Brasiliense.

cognitivos, os que apresentam maior profundidade e mais são difundidos no campo da ciência e da educação.

Em Piaget [1896-1980], o desenvolvimento atinge seu ponto de maior equilíbrio por volta da adolescência, quando se desenvolvem as estruturas do pensamento formal – lógico-matemático – e, assim, consolida-se a personalidade.

Em Vigotski [1896-1934], o desenvolvimento caminha para a construção das funções psicológicas superiores, que incluem a consciência, a criatividade, o raciocínio, a memória. Essas, por sua vez, têm como ponto de partida as funções psicológicas elementares, como os reflexos e as emoções.

O conceito de mediação trazido por Vigotski [1896-1934], que será desenvolvido neste livro, certamente avança na perspectiva de compreendermos a dinâmica da afetividade, e se enriquece com sua proposição analítica dos significados e sentidos daquilo que apreendemos na relação com a cultura.

Em Wallon [1879-1962] vamos encontrar maior equilíbrio entre os elementos cognitivos e afetivos, considerados na dialética da subjetividade. Este autor apresenta-nos uma concepção de desenvolvimento que não expurga os afetos, nem os coloca na condição de elementos primitivos de nossa condição humana. Ao contrário, esses se desenvolvem em concomitância com os aspectos afetivos e ambos guardam estreita reciprocidade. Para Wallon [1879-1962], as paixões são a forma mais elaborada de afeto, porque envolvem conhecimento, vontade, sentimento consciente e emoção.³

3. Para maior aprofundamento dos autores aqui citados, sugiro a leitura de Figueiredo, Luiz Cláudio (2008). *Matrizes do Pensamento Psicológico*. Petrópolis: Vozes; e La Taille, Yves; Oliveira, Marta K. e Dantas, Heloysa (2003). *Piaget, Vygotsky, Wallon*. São Paulo: Summus.

É na Psicologia Africana que vamos encontrar uma apurada e bem desenvolvida concepção de sujeito em que a dicotomia razão-afeto não se coloca como parâmetro, sequer como possibilidade. As muitas dimensões do humano – cognitiva, afetiva, corporal, transcendental – só podem ser entendidas em sua relação e imbricação.⁴ A perspectiva do pensamento psicológico de matriz africana é, no entanto, ainda incipiente no espaço acadêmico no Brasil.

No campo da Educação e da Escola, vemos reproduzida a mesma crença na primazia da razão, em detrimento da emoção e dos afetos, tanto do ponto de vista dos estudos acadêmicos quanto da cultura escolar. A pesquisa realizada em 2004 por Maria Fernanda Borges – Representações de professores sobre a relação afeto-aprendizagem,⁵ evidenciou que, na visão das/dos professoras/es da educação básica, a afetividade é um componente da subjetividade que deveria ser evitado no espaço escolar, “deixado de fora” para não atrapalhar a aprendizagem. Afetividade, na concepção das/dos professoras/es, é relacionada à ideia de carência afetiva, de carinho e afago, e de dimensão que cria obstáculos à aprendizagem. Quando concebem a possibilidade de trabalho a partir da inserção da afetividade no contexto escolar, limitam essa perspectiva às disciplinas de Arte e Educação Física.

Em meus muitos diálogos com professoras/es e gestoras/es escolares, no Curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) ou nos Cursos de Especialização e Formação Continuada que oferecemos, ouvi sempre relatos e queixas dessas/es profissionais, que indicavam compreensão dicotômica da relação afeto-cognição,

4. Nascimento, Elisa L. (2009). *Afrocentricidade – uma abordagem epistemológica inovadora*. São Paulo: Selo Negro. (Coleção Sankofa: Matrizes Africanas da Cultura Brasileira)

5. Disponível no Sistema de Bibliotecas da Unicamp, em: <http://www.sbu.unicamp.br/portal2>.

além de compreensão limitada sobre o que vem a ser afetividade e sua importância nos processos de desenvolvimento e aprendizagem.

Lembro-me de uma diretora, em um processo formativo, que me contou orgulhosa de sua atuação em um episódio trágico na escola – o assassinato, no bairro, de uma criança que frequentava o terceiro ano daquela escola. A escola havia decretado um dia de luto e, no dia seguinte ao sepultamento, a diretoria relatou que adentrou a sala onde o menino estudava e decretou que ali não se tocaria naquele assunto. Ponto final. Confesso que fiquei estarelecida, sem palavras. Como não tocar no assunto, como não deixar que viessem à tona as emoções daquelas crianças que haviam perdido seu amigo de forma trágica, que dois dias antes se sentava com eles naqueles mesmos bancos escolares? Que difícil diálogo travamos a partir daquele relato. Na visão da diretora, aquele assunto iria somente atrapalhar o andamento das aulas, o cumprimento do plano de trabalho e do calendário. Aquele triste relato mostrava-me que a vida, com sua complexidade, suas cores e afetos, não cabia – não cabe na escola.

Foi então, com alegria, que comecei a me aprofundar nos estudos desenvolvidos pelo professor Sérgio Leite e seu grupo – o Grupo do Afeto. O grupo trouxe para mim novos olhares e perspectivas para compreender as muitas dimensões da afetividade no contexto da educação e da escola. Afetividade não apenas como expressão de sentimentos e emoções, mas como componente que orienta escolhas e práticas, que expressa princípios e valores, assim como preconceitos e obstáculos. Afetividade, portanto, como dinâmica, como elemento central na complexidade das relações na escola, com o conhecimento e processos de aprendizagem.

Compreender afetividade nos processos de tomada de decisão dos professores, assim como os elementos do fazer docente que o tornam um professor inesquecível não

somente ampliou minhas referências de análise, como faz de mim uma professora que tenta ser melhor a cada dia.

O livro, que agora se apresenta, traz preciosas contribuições dos estudos realizados pelo Grupo do Afeto, a partir do que considero serem os dois eixos articulados e condutores dos trabalhos: o professor inesquecível e o processo de mediação pedagógica. Com efeito, são os processos de mediação, o modo como o/a professor/a assume sua tarefa de trilhar com seu/sua aluno/a os caminhos de apropriação do conhecimento, as decisões que toma, os valores que carrega, a maneira como se posiciona, como se compromete com o processo e com a busca de uma educação qualificada e relevante, é que o tornam inesquecível.

Os processos de mediação que se abordam neste livro envolvem dimensões da aprendizagem da matemática, de ciências, da leitura e escrita, em distintos grupos – crianças, adolescentes, jovens universitários, adultos da Educação de Jovens e Adultos. Referem-se a distintos atores e ferramentas: a/o estudante, o/a professor/a, a família, a biblioteca, a música.

Essa é certamente uma leitura mais que importante, é necessária, para as/os que estamos no campo da Educação e da Psicologia Educacional, na pesquisa, no ensino superior, na escola.

Que possamos usufruir das palavras, seus significados e sentidos, *“com açúcar, com afeto”*.

Ângela Soligo

Unicamp, fevereiro de 2018

APRESENTAÇÃO

A questão da afetividade tem sido crescentemente abordada, discutida e pesquisada em nosso meio. Ressalte-se, inicialmente, que o tema das emoções tem permeado, historicamente, todo o pensamento humano, em especial as teorias psicológicas. Mas, a pesquisa específica sobre o assunto, notadamente com relação à sala de aula, surgiu recentemente. Somente a partir da segunda metade do século passado, identificam-se os estudos pioneiros sobre a dimensão afetiva nas relações de ensino-aprendizagem, em sala de aula.

É provável que a ausência do tema da afetividade na agenda de pesquisa, nas áreas da Psicologia e da Educação, seja devida, em grande parte, ao predomínio secular das *concepções dualistas* sobre o ser humano. Enquanto predominou, no pensamento ocidental, as concepções de que o homem é um ser cindido entre razão e emoção – um ser que ora pensa e ora sente, não havendo relação entre essas duas dimensões – e que a razão deve ser a principal característica do ser humano, o trabalho educacional desenvolvido nas escolas centrou-se, fundamentalmente, na dimensão cognitiva, entendida como base de todo o processo de desenvolvimento. Não havia, pois, espaço no pensamento educacional para a dimensão afetiva, tanto nas concepções teóricas quanto nas práticas pedagógicas.

Historicamente, a concepção dualista começa a ser filosoficamente questionada através das ideias de Baruch de Espinosa [1637-1677]: em pleno século XVII, este filósofo assume a concepção de que corpo e alma são atributos de uma substância única, ou seja, seguem as mesmas leis, rompendo-se a hierarquia que situava a alma como instância de um plano superior ao do corpo. Tais ideias ajudaram a reinterpretar a relação entre razão e emoção, criando as bases para a *concepção monista*, que interpreta o homem como um ser único, que pensa e sente, simultaneamente: razão e emoção passam a ser entendidas como “os dois lados da mesma moeda”, mantendo entre si íntimas relações durante o processo de desenvolvimento humano.

Entretanto, foi somente no século XX, com o avanço nas diversas áreas do conhecimento, principalmente através da pesquisa, que o pensamento monista se fortalece e se enraíza. Na Psicologia, penso que esse movimento ocorreu com o advento das teorias interacionistas, em que a emoção alcança o mesmo status que a cognição, passando a ser entendida como um dos fatores determinantes do processo de desenvolvimento humano.

Tais ideias tiveram forte impacto, não só na minha constituição acadêmica, mas na de toda uma geração de profissionais, principalmente da área da Psicologia, que se formou a partir dos anos 70 do século passado, passando a entender a constituição do ser humano a partir das condições concretas de vida, nas diversas dimensões - econômica, cultural, social, política etc.

Neste sentido, tenho defendido a concepção monista, a partir das contribuições das diversas áreas do conhecimento e das principais teorias interacionistas que surgiram na Psicologia, no século passado. Tal concepção pode ser assim resumida: o homem é um ser único e indivisível; o dualismo representou uma leitura superficial e incompleta sobre a constituição humana, produzida pelo próprio homem, em função de determinadas condições econômicas, sociais

e políticas, em diferentes momentos históricos de seu processo de desenvolvimento; o homem é um ser que pensa e sente simultaneamente, o que nos leva a entender que a dimensão afetiva está sempre presente em todas as relações que o sujeito estabelece com o outro e com os diversos objetos culturais: portanto, razão e emoção são indissociáveis, mantendo intensas relações entre si, durante o desenvolvimento humano.

Devo reconhecer que tais concepções foram construídas, principalmente, a partir do respaldo teórico de Wallon [1879-1962] e Vygotsky [1896-1934]. Sem dúvida, as ideias destes autores ajudaram-me a compreender que, a partir de sua história filo e ontogenética, o homem constitui-se como humano na e pela cultura, através das relações interpessoais. Nesse processo, as dimensões que o compõem estão em estreita relação, de caráter dialético, sendo que cognição, emoção e movimento, como nos ensina Wallon [1879-1962], vão constituir a dimensão da pessoa, em cada etapa do processo de desenvolvimento.

Gradual e crescentemente, essas ideias foram ganhando centralidade na minha vida acadêmica a partir do segundo lustro dos anos 90. O grupo temático de pesquisa que coordenava na FE/Unicamp, sobre a questão da alfabetização e do letramento, do qual participavam todos os meus orientandos, foi direcionando-se para temas relacionados com a afetividade nas práticas de ensino. O início desse processo ocorreu com a apresentação dos primeiros projetos sobre o processo de formação do leitor autônomo, o qual me levou, posterior e inevitavelmente, à dimensão afetiva nas relações de ensino-aprendizagem. Da mesma forma, possibilitou ao grupo um grande envolvimento com as ideias de Vygotsky [1896-1934] e Wallon [1879-1962].

Assim, na virada para o século XXI, o grupo que coordenava já estava profundamente envolvido com a relação afetividade – mediação pedagógica, buscando identificar, nas práticas pedagógicas desenvolvidas em sala de aula, os

impactos afetivos que produziam nas relações que se estabelecem entre os sujeitos/alunos e os objetos de conhecimento/conteúdos abordados.

Atualmente, este grupo de pesquisa se mantém, sendo, carinhosamente, conhecido como Grupo do Afeto, parte integrante do grupo de pesquisa ALLE/AULA, da Faculdade de Educação (FE) da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Dele participam todos os meus orientandos envolvidos com esta temática – doutorandos, mestrandos e de iniciação científica – além de colegas de outras instituições.

No início da primeira década dos anos 2000, o Grupo do Afeto decidiu direcionar o seu olhar para aqueles professores, nas diversas áreas de ensino, que conseguiam, através de sua mediação pedagógica, estabelecer um forte vínculo afetivo positivo entre seus alunos e os conteúdos abordados nas suas respectivas áreas do conhecimento. Foi o que designamos como *professor inesquecível*. Em síntese, os dados dessas pesquisas demonstraram que os referidos alunos foram profundamente afetados: a) pela relação de paixão que o professor demonstrava em relação ao seu objeto de ensino, relação esta que era claramente percebida pelos alunos; b) pelo grande conhecimento que o professor demonstrava sobre a área de ensino abordada, relação também reconhecida pelos alunos; c) pelas práticas pedagógicas concretamente desenvolvidas em sala de aula, fortemente comprometidas com o sucesso dos alunos. Tais práticas relacionavam-se, por exemplo, com a relevância dos objetivos e conteúdos abordados, com o respeito ao repertório inicial de conhecimentos do aluno, com a forma adequada de organização dos conteúdos, com as atividades utilizadas em sala de aula – envolvendo as relações face-a-face, qualidade das instruções e dos feedbacks, materiais, etc. – e com um processo avaliação coerente com o processo de ensino-aprendizagem desenvolvido, sempre visando o sucesso do aluno.

Durante esses 18 anos de atividades, o Grupo do Afeto realizou cerca de 31 projetos de pesquisa, assim distribuídos: 03 doutorados, 07 mestrados, 18 trabalhos de conclusão de curso, 03 pesquisas de iniciação científica, sendo grande parte deles com financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp). Além disso, houve várias publicações de artigos, além de 02 livros por mim organizados, contendo capítulos produzidos pelos orientandos sobre suas respectivas pesquisas: “Afetividade e Práticas Pedagógicas” (São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006) e “Afetividade e Letramento na Educação de Jovens e Adultos – EJA” (São Paulo: Cortez Editora, 2013).

O produto de todo o trabalho de pesquisa, desenvolvido pelo Grupo do Afeto, permite, atualmente, a defesa da seguinte proposição sobre a questão da afetividade: a qualidade da relação que se estabelece entre o sujeito e o objeto do conhecimento é, também, de natureza afetiva, sendo que a qualidade de mediação desenvolvida é um dos principais determinantes dessa relação que se estabelecerá entre sujeito e objeto. Os dados das pesquisas sugerem que uma história de mediação afetivamente positiva produz, a curto e médio prazos, um *movimento de aproximação* afetiva entre o sujeito e o objeto. Da mesma forma, uma história de mediação afetivamente negativa produz um *movimento de afastamento* entre os mesmos.

Neste sentido, atualmente assume-se, no Grupo do Afeto, que o processo de *ensino-aprendizagem de sucesso* caracteriza-se por um duplo movimento: possibilita ao aluno apropriar-se do objeto do conhecimento, de forma ativa e autônoma e, simultaneamente, possibilita ao aluno estabelecer um vínculo afetivo positivo com o mesmo, ou seja, promove um movimento de aproximação com o objeto, de natureza essencialmente afetiva. Portanto, do ponto de vista psicológico e ético, não é mais possível pensar o processo de ensino-aprendizagem na perspectiva do controle aversivo, característico da escola tradicional, pois este, embora até

possa promover um tipo de aprendizagem medido pela nota que o aluno consegue obter na prova, promove, inevitavelmente, um movimento de afastamento afetivo entre o aluno e o respectivo objeto.

Chegamos, portanto, a um modelo teórico do processo de ensino-aprendizagem centrada na tríplice relação entre sujeito/objeto/agente mediador: os três elementos são igualmente constituintes do processo. As linhas que relacionam esses três elementos referem-se às dimensões cognitiva e afetiva, simultaneamente. Com relação ao Grupo do Afeto, a atenção centrou-se na relação que se estabelece entre o sujeito e o objeto, de natureza também afetiva, relação essa determinada, em grande parte, pela qualidade da mediação pedagógica, que tem no professor um dos principais agentes em sala de aula.

A presente obra, semelhante às duas anteriores organizadas em 2006 e 2013, apresenta uma parcela significativa da produção do Grupo do Afeto nos últimos anos. O leitor terá a oportunidade de interagir com diversos pesquisadores e autores que participam do grupo, os quais apresentam textos baseados nas suas respectivas pesquisas. Não são sínteses completas dos relatórios entregues - estes podem ser acessados nas teses de doutorado, dissertações de mestrado e trabalhos de conclusão de cursos, através do site da Biblioteca da FE. Porém, em todos os textos, observa-se a presença de dados coletados nas respectivas pesquisas, embasando o processo de reflexão desenvolvido pelo autor.

A pergunta apresentada aos autores, na fase de planejamento do livro, foi a seguinte: a partir da pesquisa que você desenvolve/desenvolveu, o que você tem para falar/escrever aos educadores-trabalhadores nos diversos níveis de ensino, em especial para os professores que atuam em sala de aula, incluindo também os alunos dos cursos de formação? A partir dessa questão, todas as propostas foram discutidas pelos membros do Grupo do Afeto, numa primeira etapa. Uma segunda etapa de discussão ocorreu

a partir das primeiras redações dos textos, as quais foram distribuídas para todos os componentes e, posteriormente, discutidas nas reuniões quinzenais, que ocorreram durante todo o ano de 2017. Todo esse rico processo contou com a participação dos autores, possibilitando uma reflexão contínua, de caráter teórico e metodológico, que embasou a produção textual de cada autor.

A estrutura do livro foi planejada da seguinte forma. Os textos, que compõem cada capítulo, foram organizados em quatro partes, exceto o capítulo 1, onde apresento as bases teóricas do Grupo do Afeto, com uma síntese dos pensamentos de Vygotsky [1896-1934] e Wallon [1879-1962]. Na sequência, a Parte I – Afetividade: a mediação bem sucedida – apresenta três capítulos: no Capítulo 2, Valéria de Araújo Lima estuda a relação entre afetividade e o ensino da Matemática, baseada na sua pesquisa de TCC; no Capítulo 3, Patrícia Fracetto analisa os impactos afetivos de um projeto de Ciência em uma escola pública, também a partir de sua pesquisa de Iniciação Científica; no Capítulo 4 Elvira Cristina Martins Tassoni, Jade Oliveira Melo da Silva e Vivian Annichini Forner abordam a contribuição da música no ensino da leitura e escrita, a partir de um trabalho de intervenção em uma escola pública.

Na Parte II – Afetividade no Ensino Superior –, encontram-se dois capítulos: no Capítulo 5, Fabiana Aurora Colombo Garzella apresenta uma reflexão sobre o ensino de Cálculo na universidade; no Capítulo 6, Flávia Regina de Barros analisa os impactos afetivos da mediação pedagógica na relação sujeito-objeto, no Ensino superior. Ambas autoras baseiam-se nos dados das suas respectivas teses de doutorado. Deve-se ressaltar que o Ensino Superior foi a última instância educacional em que se realizaram pesquisas sobre a afetividade pelos membros do Grupo do Afeto.

A Parte III – Afetividade: produção de textos e leitura –, também apresenta dois capítulos: no Capítulo 7, Adriano Caetano Rolindo descreve sobre a mediação pedagógica

no processo de constituição do aluno como produtor de textos, baseado em sua pesquisa de mestrado; no Capítulo 8, Ana Cláudia de Sousa Rodrigues analisa a mediação pedagógica de uma professora que atua no processo de formação do leitor, baseada na sua pesquisa de doutorado. Tais capítulos foram aqui agrupados por se referirem ao trabalho pedagógico desenvolvido por professores nas escolas.

Finalmente, na Parte IV – Afetividade e formação do leitor –, encontram-se quatro textos: no Capítulo 9, apresenta uma síntese sobre o tema, considerando que este assunto foi o que originou o Grupo do Afeto; no Capítulo 10, Sue Ellen Lorenti Higa analisa o papel da família e da biblioteca pública no processo de constituição do leitor, a partir da sua pesquisa de mestrado; no Capítulo 11, Daniela Gobbo Donadon Gazoli focaliza o processo de formação de leitores na área da educação de adultos, tema que a autora pesquisou no mestrado e, agora, no doutorado; no Capítulo 12, Isabela Ramalho Orlando analisa o processo de constituição de leitores no ambiente universitário, tema de sua pesquisa de Iniciação Científica.

Deve-se ressaltar que todas as pesquisas desenvolvidas pelos participantes desta obra focalizam situações que envolvem práticas sociais e/ou pedagógicas em que os agentes mediadores tiveram amplo sucesso nos respectivos processos de ensino-aprendizagem vivenciados pelos sujeitos em questão. Tal situação não foi casual: o Grupo do Afeto tem buscado pesquisar situações consideradas de sucesso, do ponto de vista das dimensões cognitiva e afetiva envolvidas. Não que as situações de fracasso não tenham sido abordadas; mas considerando que estas têm sido a tônica das pesquisas, desde os anos 60 do século passado, em nosso meio – o chamado fracasso escolar –, julgamos ser relevante a realização de pesquisas focalizando a condição oposta – o que consideramos como processo de ensino-aprendizagem de sucesso.

Como palavra final, destaca-se a importância do tema abordado. Os relatos apresentados em todos os textos produzidos pelos membros do Grupo do Afeto, nesta e nas outras obras anteriores, mostram claramente que é possível pensar na dimensão afetiva do processo de mediação pedagógica como um fator determinante da inclusão escolar. Os professores e profissionais inesquecíveis, cujo trabalho foi focado nas pesquisas que produziram os textos aqui apresentados, não são produtos da imaginação dos pesquisadores ou super-heróis que atuam nas escolas. Ao contrário, são trabalhadores da Educação, que atuam em situações frequentemente precárias, mas que conseguem fazer um trabalho pedagógico que faz a diferença em seus ambientes. Pode-se imaginar o potencial desses profissionais se tivessem condições de trabalho mais adequadas nas escolas e instituições em que atuam.

Certamente, este pode ser o mais relevante significado de todo trabalho de pesquisa desenvolvido pelo Grupo do Afeto: produzir um conhecimento que possibilite a construção de uma escola democrática e inclusiva, disponibilizando a todos uma Educação de qualidade e, como consequência, condições para o exercício consciente da cidadania.

Sérgio Antônio da Silva Leite
Unicamp, fevereiro de 2018.